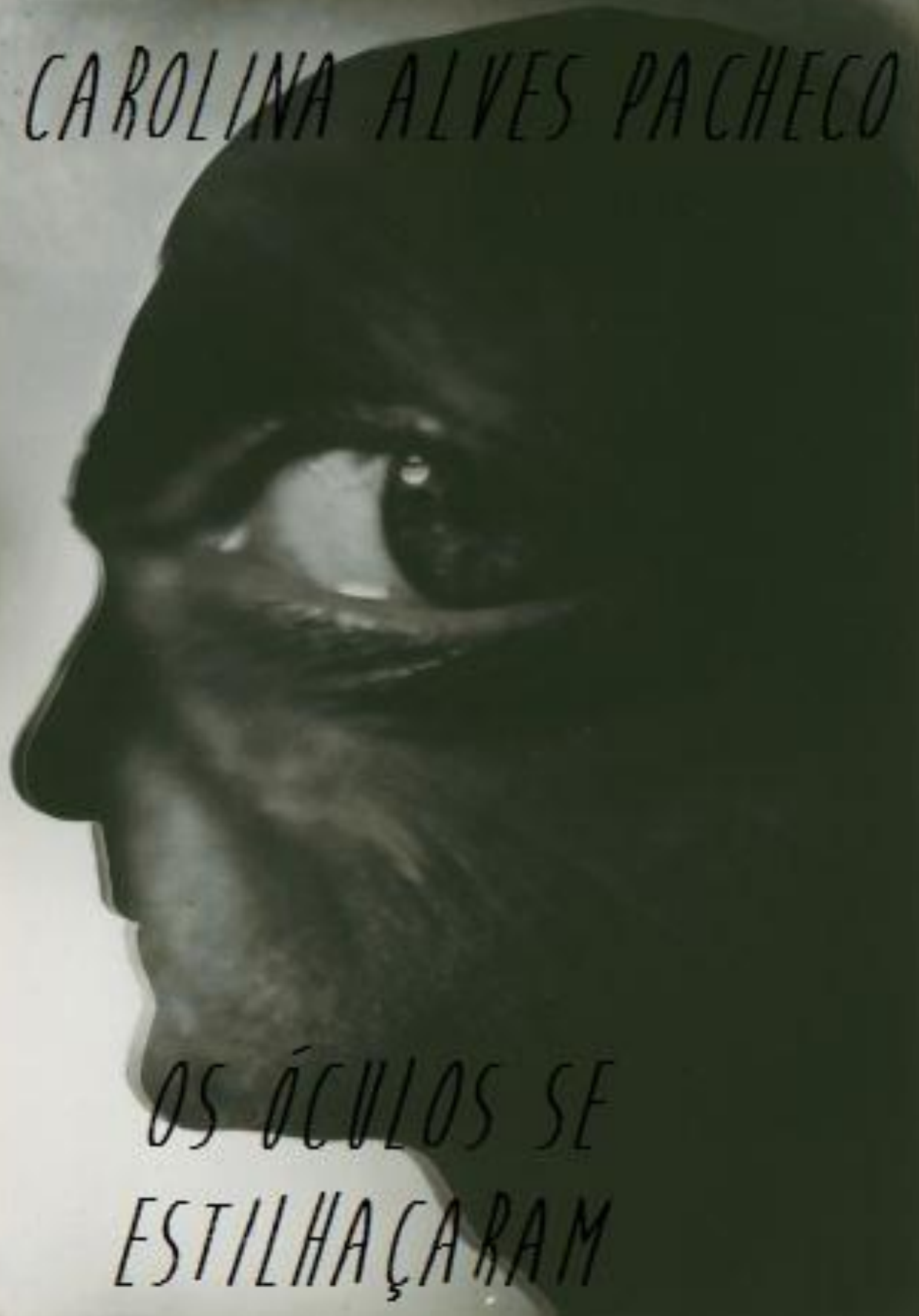


CAROLINA ALVES PACHECO



OS ÓCULOS SE
ESTILHAÇARAM

OS ÓCULOS SE ESTILHAÇARAM

POR CAROLINA ALVES PACHECO

PROJETO PARA DISCIPLINA DE "ESCRITA CRIATIVA" DO CURSO DE
CINEMA (UFSC) MINISTRADO PELO PROFESSOR MÁRCIO MARKENDORF

CAPA: FOTOGRAFIA POR EDMUND KESTING

Apresentação:

Para a escolha dos contos para o portfólio foram considerados todos aqueles que se situavam em primeira pessoa e com esse objetivo de criar uma maior ênfase entre leitor e autor.

A proposta tende por toda uma busca para maior intimidade o leitor e até mesmo confundir o mesmo nas diversas camadas que um autor possa obter. Durante todo o processo da criação, a relação pessoal sempre foi muito presente. Talvez, por a necessidade minha de tentar tornar o mais verossímil possível.

Ressalto também a preferência por personagens femininas nos contos e principalmente, para os papéis centrais.

Foi necessário muito tempo lendo os textos solicitados, além de minhas próprias referências para dar um início aos contos. Buscava-se, sobretudo, um motivo concreto para quem estava escrevendo. Seja por causas sociais ou pessoais, dificilmente os contos saíram daquilo que era planejado ou de tom fantasioso. A grande maioria trata de temas comuns e procurava-se para manter o ritmo da história, todos os elementos sensoriais. A descrição dos detalhes dos lugares, da sensação e a construção dos personagens foram exploradas ao máximo.

Por fim, é uma busca para dar voz à personagens que se escondem em mim e em tanta gente.

Sumário

Terceiro andar	5
Na casa ao lado	7
A morte em cima de tecidos	8
Eles disseram	10
Perder o apetite	12
Na colmeia da sobrevivência	13
Quarenta e três segundos	15
Ex-fumante	16
Micro contos	17

Terceiro andar

Qual seu nome?, ela pergunta numa noite fria de terça-feira. Tento não fazer contato visual. Convenço-a não tocar nesse assunto. Ela havia me dito que me conhecia das ruas e lembrava bem do cheiro da nicotina nas minhas unhas. Eu sabia quem ela era também, mas não disse nada. Apenas deixei que repousasse nos meus braços e calcular quanto tempo poderia ficar comigo. Droga. Estava coberta de rímel no rosto, cheirava a comida podre, minhas roupas estavam empoeiradas, minha voz estava rouca. Não sei se posso continuar com isso.

Olhos ainda fechados na manhã de domingo. 29 graus, fevereiro, ressaca, devo estar com febre. Estava lá. Pela terceira ou quarta vez. A sua textura ainda em contato com a minha, sentindo seus pelos das pernas se arrepiarem com a fresta da janela. Os ossos pélvicos se contraem. Tua língua me contorna. Meus dedos firmes. Ela sussurra no meu ouvido. E então insiste no meu nome, enquanto se levanta para tomar um banho. Finjo que não ouço e procuro um pente para desenrolar a franja.

O dinheiro está em cima da mesa, vê se compra algo para comer, ela diz. A pele muito branca se destacando nos azulejos vermelhos do banheiro, entretanto não me distraio: escovo os dentes, pego minhas roupas e o dinheiro na mesa, encontro teu bilhete na escrivaninha com seu número que havia ignorado tantos dias ali e guardo nos bolsos, então fecho a porta. Com os braços esticados e com o corpo aparentemente, enrolado na toalha, ela gritou do apartamento 304: Você esqueceu alguma coisa. Sobe aqui, ela insiste. Dessa vez não, digo em voz alta. Vejo um sorriso no canto da boca, ouço a janela bater com uma força bruta e caminho com pés firmes.

Um homem de regata branca está me seguindo por três quarteirões. Encontro um velho amigo numa esquina fumando seus últimos reais e ele acena. Ele parecia estar interessado, ela comenta sobre o homem perdido no meio da estrada. Quatro garotas passam por mim, noto na camisa velha da terceira com o rosto de Liv Ullmann fundindo-se com Bibi Andersson.

Final de tarde, 25 graus, fome, mal-estar, não posso sair. Grito para um copo esperando ele espatifar e cortar a sola do meu pé. Quero deixar escorrer os glóbulos em jejum. Falo sozinha no minúsculo apartamento branco. Sou Petra Von Kant. Deixo descascar minhas camadas em frente ao espelho. Tiro todas as minhas roupas na frente dele e me toco. Reproduzo tua imagem ao meu lado e vou lá, procuro o celular, te ligo e por favor, me atende logo. Respiro fundo. O telefone toca. Você demora para dizer algo.

Lembro da minha infância, do meu primeiro beijo com alguém com o corpo igual o meu. Pernas, braços, joelhos, orelhas, seios, vagina. O silêncio é interrompido com o teu pigarrear. Oi Gabriela, ela repete algumas vezes. Ela sabia meu nome.

Na casa ao lado

A cortina bate forte no pescoço da senhora loira de 50 anos. Ela acorde, avalia o suor na testa pelas mãos e fixa o olhar no teto. Quebraram algo na casa ao lado. Assustada, liga a luz. Imóvel ao lado da parede escura, ela tenta ouvir mais um pouco. Outro estouro. Estão quebrando cadeiras na casa ao lado. Em pé no assoalho frio, a senhora loira de 50 anos não pisca os olhos. Estão gritando. Estão gritando muito.

Sentou-se em posição ereta na ponta da cama. O pescoço duro não move um músculo. Outra batida. Parecia uma pancada. Ela tampa a boca com as mãos. O marido da senhora loira de 50 anos abre os olhos devagar. Um vaso quebra-se no chão. Deixa as cortinas para trás e olha indiscretamente pela sacada. Duas silhuetas na parede de vidro de baixo. Parecem estar brigando.

Sua vizinha havia lhe visitado quatro horas atrás. A senhora perguntou sobre os pequenos roxos nos antebraços. Diz para não se importar e que pretende resolver isso logo. Depois, calou a voz e não repetiu um ruído sequer. Pediu para não avisar, não alertar ninguém. Estava sozinha na sala, a senhora loira de 50 anos esconde um machucado na cabeça.

Ela assiste com um vento gélido em seu rosto, um lindo balé de pernas soltar no ar e membros contraindo. Olha para trás, seu marido dorme. O marido da vizinha se aproxima. A senhora aperta os cílios. Um grande estouro. Silêncio. Apenas uma silhueta feminina em pé.

O marido da senhora loira de 50 anos fica de pé e pergunta o que aconteceu. Ela vira-se. Sirenes policiais se aproximam. As cortinas balançam com o vento seguido do tecido fino da sua camisola. De sobressalto, ela procura algo na sua gaveta. O marido pergunta o que ela está procurando. Policiais invadem o quintal da vizinha da senhora loira de 50 anos. A vizinha chora. Outro estrondo. O marido da senhora loira de 50 anos sangra. Pela parede branca escorrem os glóbulos vermelhos.

Horas depois, a senhora e sua vizinha estão sozinhas em suas casas. Nenhuma outra presença humana. A senhora sente seu machucado na cabeça. A televisão alerta sobre violência contra mulher. A senhora loira de 50 anos encosta a cabeça no travesseiro e finge não dormir.

A morte em cima de tecidos

23:45 da noite. Quase uma semana de braços para o lençol quente. Olhos semicerrados encarando um pequeno sinal de luz da porta, enquanto as cortinas se mantêm intactas e lisas. O despertador não faz seu trabalho, ele é desligado 10 minutos antes do horário desejado. Levantam-se os braços, finge-se espreguiçar e tocar o chão. Como se tivesse sido uma novidade aquela noite.

Um pouco abaixo, um rosto está franzido. Sinto sua agonia pelo tremer dos dedos em pura consciência ou pelo ventilador posicionado perto do seu corpo. Durante uma semana, percebi coisas estranhas ao meu lado e algo me puxando pelo corredor. Eu não saí. Mais uma vez, estava ali. Sobrevoando um espaço que não era meu e tampouco conhecia. O tempo é rápido e vejo as paredes do quarto, ouço barulho da televisão e por vezes, fixo meu olhar na mesma tentando compreender a programação da madrugada. Os cílios tremem lá embaixo. Paralisada, eu vejo galos na sua testa. Fico pensando na dor que sentirá alguns minutos ou horas depois que acordar fadigada por ter batido fortemente contra a parede ou o piso.

Existe uma voz presa. Sinto um frio nos meus braços e vejo meus pelos arrepiarem. Forço um movimento brusco. Tento olhar fixamente para algo que não conheço e me acostumar com sua presença. Você não é real. Sinto o corpo levitar e existe vida. Só não sei qual delas. A respiração fraqueja. A morte espera perto da janela e sinto que pronto, acabou. Não sei quantos anos irei acordar depois disso, o que vai acontecer com o meu corpo, se estou falecendo ou é apenas mais uma ilusão. Posso me perder seguindo as sombras e então, escolho permanecer na cama. Concentro nos mínimos gestos dos dedos dos pés.

E se ninguém acreditasse em mim? Se toda essa visão não passasse de uma falha no meu cérebro e o que está acontecendo, na verdade, não está? A voz que me guia até o hall de entrada pode estar me alertando acerca do verdadeiro sentido de estar aqui. O que eu estive vivendo durante todos esses anos, possa não se passar apenas de projeções ou o que surge ao fechar os olhos e adormecer pode estar trazendo resquícios de insanidade. Será que eu

existo mesmo? Ninguém jamais conseguiu explicar a minha existência sobre o meu outro eu e quem dirá o que pode estar me esperando se preferir atravessar o espaço.

Deixo esperar. A criatura continua ali. Nesse exato momento, me questiono sobre o prazo que estive fora de mim. Posso estar numa cama de hospital por anos enquanto minha mente está presa num tempo que não passa.

Ela se mexe aos poucos, parece estar calma. Eu poderia sobrevoar o apartamento e abandonar o seu corpo. Conheço histórias de outros mundos, de luzes e criaturas esfumaçadas. Mas fico presa aqui. Espero abrir o olho devagar. Estou calma.

Acordo. Ela desaparece. Estou no quarto.

São 23:50 da noite.

Eles disseram

Quase hora do almoço e a rua ainda anda movimentada. Quatro crianças chutam a bola dura quadriculada em direção a uma trave de futebol improvisada com chinelos velhos e remendados do outro lado da esquina. Eles correm rápidos com suas canelas machucadas e seus pés sujos de areia macia e branca. Seus corpos pequenos com escapulas sobressaltados se destacam na imensidão empoeirada.

A comida é preparada devagar e com cautela, enquanto a mãe ouve num rádio antigo, a estação local. Cortando cebolas, ela chora. Grita para eu ajudar em pequenas tarefas domésticas e agita os dedos para procure na dispensa de madeira um saquinho vermelho de macarrão. Faz-se então, um movimento involuntário de quase cortar-se com a faca limpando as lágrimas e depois, retirar o macarrão das minhas mãos e misturar na panela proeminente.

Vai chover hoje, um homem disse na rádio. As vizinhas com vestidos coloridos gritam para suas filhas com trancinhas inspiradas em alguma revista de moda da capital e de walkman entre os dedos para retirar as roupas. Elas gritam para seus maridos quase dormindo no sofá que vai chover aquela tarde, eles mal ouvem e concordam com a cabeça e as bochechas rubicundas.

Com um pouco de comida na boca e a testa suada, a mãe ressalta que terá visita hoje pela tarde, com bolo de chocolate. O celular pesado e comprido toca na escrivaninha ao lado de fotografias em porta-retratos de vidros escolhidos a dedos. O som agudo e intenso do aparelho incomoda pessoas que passam na frente do muro baixinho. Logo, parecem se perguntar como aquilo veio parar nos nossos ouvidos desprovidos. As bolinhas de gude brilhantes param, verificam o som. As pipas perdem a força e nos examinam. As músicas com batidas cada vez mais fortes e sincronizadas são abafadas e nos observam. Dois homens largam as mãos quando percebem o tumulto da rua principal.

A comunicação será muito mais prática e rápida em mil novecentos e noventa, eles disseram. Você vai poder conversar com algum parente distante, alguma amiga que mudou de país, um estranho que pode se tornar seu melhor amigo em questão de alguns dígitos. A casa repleta de hábitos familiares podem se desviar e descobrir um cotidiano interligado com o digital e o novo. O futuro, eles falavam muito sobre o futuro, transformará toda uma sociedade.

Enquanto isso, as verduras continuam limpas e saudáveis nas hortas caseiras e as crianças voltavam com os dedos sujos de terra alaranjada. A internet, ouvi falar, será outro grande avanço.

Perder o apetite

Você já deixou seu dedo preso dentro do ventilador?, me disse em janeiro de dois mil e seis. Deixar as hemácias percorrerem os risquinhos da mão. E pintar a parede branca quando aumenta a velocidade. Sentir o descobrir da casca e ficar nua, com os ossos à mostra. Você sentirá dor, me disse depois. O dedo infantil preso no ventilador corrói teus membros sensíveis. Empedernidos. O brincar de padecer, desmaiar, falecer ao redor de mosquitos.

Você não foi feliz em novembro de nove anos seguintes.

Na colmeia da sobrevivência

Você está certo disso? Pensa o homem minutos antes de sair do carro coberto por lama.

De calça jeans e camisa bege, enrugado, ele se aproxima da igreja. Entra com cuidado, admira detalhes em porcelana, pisa forte no tapete grosso e vermelho em direção ao confessionário no seu lado esquerdo. Está vazio. Uma luz forte do sol entra pela grande porta dourada. O padre, com olhos fechados, está cambaleando suavemente para trás, repousando suas costas na madeira. O homem bate devagar na superfície que ecoa no grande salão desocupado.

Desajeitado, limpa seu rosto suado com a túnica preta e pesada, força os olhos em direção ao homem que com olhos azuis, encara freneticamente o padre que força um sorriso envergonhado.

Boa tarde, homem, diz o padre pausadamente como se estivesse dito algo errado ou como seu cérebro não tivesse processado corretamente o acordar de supetão.

Calado, o homem parece não compreender se está no lugar certo e desconfortável, o padre força uma tosse.

Então, meu jovem, recomeça. Por que veio aqui?

Limpando as poucas lágrimas que caíram sob o rosto, o homem procura algum vestígio de presença humana e parece se assustar com imagens estáticas encarando de cima.

Fiz muitos pecados ao longo do meu casamento, traí minha esposa, briguei com a sua família, minto para ela, gasto meu dinheiro em hotéis de luxos com mulheres do mundo...

Por que veio aqui? Repete o padre com a testa franzida.

Eu não sou um homem fiel, padre, sou um pecador. Me vendi aos pecados da carne, diz o homem aos prantos.

Meu jovem, eu já ouvi tanta crueldade nessa igreja e você vem para falar de adultério, boceja disfarçadamente.

Está na bíblia, padre. Sou um pecador.

É mesmo? E você acha que eu leio a bíblia? Pergunta o padre gesticulando rapidamente com as mãos.

O homem fixa os olhos para os arranhões no confessionário sem entender a pergunta. Pensa em todos os salmos que recitou às avessas nos almoços familiares de domingo.

Eu espero que sim, padre, responde o homem que se levanta devagar e repousa as mãos sob os bolsos da calça.

O padre bufa dando gargalhada e sai do confessionário batendo a portinhola. Frente a frente, padre e homem, encaram fundos seus olhos e praguejam mentalmente. O homem então, arrependido, põe os dedos contra a boca e pede desculpa ao senhor baixinho, não poderia estar cometendo mais um pecado dentro da própria igreja. O padre observa suas ações com as sobrancelhas erguidas e o queixo inclinado.

Não posso acreditar que você veio até aqui para confessar tal modéstia, debocha o padre.

Você sabe, eu sou um pecador, isso não pode ficar deste jeito, está na bíblia, não posso trair, meu casamento precisa ser eterno. Você não está entendendo. Estou desesperado, não serei perdoado.

Me poupe de tanta bobagem, você acha mesmo que os fiéis deste lugar ficam em casa rezando e assistindo pregações na televisão quando suas esposas estão no trabalho?

O senhor precisa ler mais a bíblia, padre, seu pensamento não é correto para um fiel.

O padre olha para o alto entediado, retira sua túnica e entrega-o para o homem. Caminha de cueca, sapatos e meias pela igreja e o deseja boa sorte...

Quarenta e três segundos

Me falaram que nenhum homem sobreviveu
O pedaço de carne putrefata
Repousou no solo seco
Desmanchando em pequenos átomos
A sequência de tijolos no chão
Esmagou o tórax magro
Nu
Manchado de cinza
Segundos antes, a chaleira gritava
O café no fogão derramou
Quente
Deslizou na superfície
Encontrou centenas de corpos
Tão frágeis quanto ele

Ex-fumante

“Vanessa, 24 anos. Cabelos e olhos castanhos. 1,64. Sem exigências.”

A noite começava com dois copos cheios de cerveja. Eu tinha uns 32. Minha terceira tentativa aquela semana procurando nos classificados. Ela levava um caderno azul com muitas notas no cabeçalho. Também estava com quatro carteiras de cigarros vazias na bolsa. “Estou sem fumar por dois meses”. Recusou-se a me deixar pagar a conta. “Você se perdeu no tempo, foi?”. Ela ria da própria piada. Abriu um guarda-chuva laranja. Ventava e chovia forte. Ela estava de vestido preto.

Estávamos na cama. Tentei me aproximar das suas pernas, colocando as mãos delicadamente na cintura. Desabotoando o vestido. Ela estava imóvel. Deslizando os dedos até ficar em contato com a sua vagina. Sinto uma textura fria. Fui descendo. Nenhuma entrada ali. Nenhuma entrada aqui. Que porra é essa? Vejo uma linha de costura vermelha no lugar da sua vagina. Merda! Olhei para seu rosto. Vamos lá, faça alguma coisa. Ela ria desesperadamente. Não vou desistir agora. Deveria estar suando. Subo a mão para sua barriga delicada. Sua boca se contorce em uma expressão de prazer. Deixo a mão subir em seus seios, então. Não satisfeita ela puxa meu braço e o deixa em sua axila direita. Brinco com sua axila e começo a ouvi-la gemer.

Um grito tímido ia surgindo entre os dentes. Tiro minha cueca e penetro com força suas axilas. Primeiro a direita e depois a esquerda. Ambas bem molhadas. Você gosta de jogos? Ela pergunta enquanto já estava por cima de mim. Sem me deixar responder, ela se levanta, busca na gaveta algo que mal consigo enxergar.

Você está louca? Meu pau, não! Disse tentando fugir nas extremidades do lençol. Com uma pequena agulha na mão, ela insistia que eu ia gostar. Sua vagina costurada me observava. Ela consegue fixar a agulha no meu membro já mole. Sinto o rasgar da pele.

Observei-a. Deitada na cama com meu pau em sua axila. O clitóris avermelhava-se com os movimentos rápidos. Com cuidado, me aproximei do espelho mais próximo e notei que meu rosto agora ganhara dois novos componentes: testículos murchos entre as bochechas e as pálpebras.

Micro contos

Estava lá, com o vestido preto igual de uma fotografia que havia me enviado na noite anterior. Um cachorro ao seu lado. Aproximo-me do mar. Ela me cumprimenta, vira o corpo, o cachorro me observa. Ouço um gatilho. A areia beija o meu rosto.

Não faça barulho! Ela deve estar ainda dormindo.



Fotografia: Robert Wiles